

EDITORIAL

Caríssimo leitor, bem-vindo à Edição nº 59 da nossa revista!

A cada dia, a diversidade de saberes mobiliza mais nossos interesses. As demandas crescem, e o turbilhão de ideias, conceitos, informações e novos rumos nos conduz, incessantemente, à busca do conhecimento.

A importância de estarmos atentos ao nosso tempo torna-se a garantia para que nosso olhar não se esvazie diante da inércia inoculada pelo hábito. A volatilidade de tudo que nos cerca na atualidade obriga a nos mantermos atrelados ao hoje para que tenhamos o amanhã.

Seguindo a tônica deste periódico, encontramos a multiplicidade de temas que animam o terreno da Educação voltada a pessoas com deficiência visual. Surdocegueira, Física, Alfabetização, Matemática e o Sistema Braille formam o escopo de um trabalho que precisa ser disseminado a fim de que os profissionais que atuam ou venham a atuar nessa área tenham a compreensão exata da trilha que precisam percorrer.

Cinco artigos nos são apresentados nesta edição:

Os pesquisadores Raffaella de Menezes Lupetina, Celeste Azulay Kelman e Mário de Jesus Florindo de Melo discutem no trabalho “Surdocegueira adquirida: o impacto dessa condição nas relações sociais do sujeito” a dificuldade de o indivíduo que adquire surdocegueira estabelecer relações sociais. Esse trabalho nos mostra a quebra do vínculo entre o sujeito e a própria sociedade.

O artigo “Possibilidades do KitFis como recurso para promover o ensino de Física para estudantes cegos”, assinado por Josiane Pereira Torres e Enicéia Gonçalves Mendes, traz interessante contribuição a uma disciplina que, *a priori*, converte-se num entrave para a educação de pessoas cegas em particular. A proposta de um kit para o ensino de Física, concretizando conteúdos dessa área de ensino, é um instrumental a mais na caminhada rumo ao conhecimento efetivo desse alunado.

Fabiana Alvarenga Rangel e Sonia Lopes Victor alavancam um tema de imprescindível compreensão junto aos professores alfabetizadores. A pesquisa, pautada no mecanismo do faz de conta, embasa uma nova visão de como a alfabetização de uma criança cega pode tornar-se mais efetiva, mais libertadora e mais cidadã. O encanto do faz de conta tira da sala de aula a danosa sisudez que rouba da infância sua beleza e sua fantasia. A criança cega, em especial, precisa ser levada a conhecer o mundo não apenas das coisas palpáveis, mas

também das experiências internas, as quais não de lhe fortalecer o psiquismo e burilar seu intelecto. Apreciemos o trabalho “A brincadeira de faz de conta e sua influência no processo de alfabetização de crianças cegas”.

Maurício Alfredo Ayala de Carvalho e Claudia Coelho de Segadas-Vianna assinam o artigo “Argumentação e prova em Matemática: análise de um estudo realizado com alunos cegos”, trabalho extraído da pesquisa de mestrado de Ayala, que se fundamentou em entrevistas feitas com quatro alunos dos anos finais do Ensino Fundamental do Instituto Benjamin Constant. As questões abordadas dizem respeito ao aspecto visual que envolve muitos dos conteúdos matemáticos e à forma como esses alunos alcançam o conceito desses mesmos conteúdos.

Com o quinto e último artigo, temos a discussão a respeito da apropriação da escrita através do Sistema Braille. Clarissa de Arruda Nicolaiewsky aponta, em pesquisa feita com alunos dos três primeiros anos do Ensino Fundamental do Instituto Benjamin Constant, dificuldades encontradas nesse processo de aquisição no universo pesquisado de 21 estudantes.

Esperamos que os estudos e as observações desses pesquisadores tragam a você, caro leitor, a abertura de novas reflexões e perspectivas.

Até a nossa próxima edição!

Maria da Gloria de Souza Almeida

Comissão Editorial